

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS/AS NO PROJETO ESCOLA LABORATÓRIO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PROPORCIONANDO ESPAÇO PARA A COMUNICAÇÃO, INTERAÇÃO E INCLUSÃO.<sup>1</sup>

Mayara Broxado Dias<sup>2</sup>  
Vandercleia de Jesus Sousa Martins<sup>3</sup>  
Eldilene Lopes Silva<sup>4</sup>  
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa<sup>5</sup>

## RESUMO

O presente artigo apresenta a linha de ação do Projeto de Extensão Escola Laboratório – PEL, o curso de Alfabetização e Letramento Digital: diálogos e apropriações, que vem proporcionando inclusão digital através do processo de comunicação que o computador junto com a internet pode proporcionar, o público alvo é formado por adultos e idosos, trabalhadores da universidade e moradores dos bairros próximos, o curso tem por base o diálogo, que é usado para conhecer os participantes, bem como qual interesse em relação a esse campo tão rico eles desejam conhecer, o curso apresenta diversas experiências ao longo dos seus 5 anos de existência, além da mudança na vida dos participantes da ação, vem proporcionando aos bolsistas e voluntários do PEL, um novo olhar para as demandas sociais, bem como para a inserção de adultos e idosos no mundo tecnológico ainda tão excludente para esse público.

**Palavras chave:** Extensão Universitária, Diálogo, Inclusão Digital, Comunicação, Experiências

## INTRODUÇÃO

Vivemos a era digital em toda sua força, com todas as facilidades que ela pode nos proporcionar e na educação não é diferente, são infinitos aplicativos, jogos, recursos que visam facilitar a aprendizagem e inserir os indivíduos no mundo tecnológico que nos cerca, mas apesar de toda essa facilidade e modernidade oferecida ainda é comum ver pessoas que não se beneficiam do que a tecnologia pode nos oferecer, é o caso de adultos e idosos, que por

---

<sup>1</sup> O trabalho é fruto da linha de ação do Projeto de Extensão Escola Laboratório do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão

<sup>2</sup> Estudante de Graduação – Curso de Pedagogia – Universidade Federal do Maranhão - UFMA

<sup>3</sup> Professora da Educação Básica

<sup>4</sup> Estudante de Graduação – Curso de Pedagogia – Universidade Federal do Maranhão - UFMA

<sup>5</sup> Professora Doutora em Educação – Professora do Departamento de Educação I – Universidade Federal do Maranhão - UFMA

ter dificuldade de acesso às ferramentas, não conseguem participar ativamente desse mundo tão rico, que para alguns é ainda desconhecido.

Foi pensando nessa dificuldade de acesso causada por não possuir um computador, bem como por não saber manusear essa ferramenta de comunicação que o Projeto de Extensão Escola Laboratório, criou no ano de 2013 o curso Alfabetização e Letramento Digital: diálogos e apropriações para proporcionar aos trabalhadores da Universidade Federal do Maranhão, acesso e autonomia no manuseio do computador, aproveitando assim das facilidades que ele pode oferecer a quem consegue usá-lo.

O referido curso surgiu na disciplina de Fundamentos e Metodologias da Alfabetização no 4º período do curso de Pedagogia no ano de 2013, nasceu como forma de aquisição de nota na disciplina, sem nos darmos conta foi ganhando identidade e a procura tornou-se grande, passando a ser considerado linha de ação do Projeto Escola Laboratório - PEL, Projeto de Extensão com 23 anos de existência no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão. Inicialmente atendia os trabalhadores da empresa que cuida da limpeza e manutenção da universidade, com o tempo passou a atender também moradores dos bairros próximos a universidade, público esse formado em sua maioria por adultos e idosos, o curso proporciona aos voluntários e bolsistas do PEL vivenciar uma extensão com vistas a mudança da sociedade, pois possibilita a socialização dos saberes histórico e cientificamente produzidos, estabelecendo assim uma relação dialógica onde universidade e sociedade ensinam e aprendem.

A extensão universitária praticada no Projeto Escola Laboratório – PEL é uma extensão com vistas a dimensão da mudança social, aonde a universidade deve comunicar-se com o seu meio através de seus projetos, proporcionando a sociedade uma reflexão crítica dos problemas vivenciados, uma extensão comunicação como pensada por Freire (1979):

“A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto não é possível compreender o pensamento de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. Esta função, por sua vez, não é extensão do conteúdo significante do significado, objeto do pensar do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam com seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes” (FREIRE, 1979 p.67)

A perspectiva de extensão comunicação vivenciada nas ações do PEL, leva os futuros professores, ao processo de comunicação com o meio social ao qual a universidade está inserida, levando o conhecimento produzido na universidade possibilitando, assim, sua realimentação face a problemática dessa sociedade, proporcionando segundo Gurgel (1986) “uma reflexão crítica e uma revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa”.

Essa relação entre universidade e sociedade deve privilegiar também o conhecimento que é trazido do meio social que circunda as universidades, vivenciando uma perspectiva colaborativa de construção de saberes necessários a transformação social, bem como oferecer aos futuros profissionais docentes a chance de aliar o conhecimento teórico-prático na busca por formas inovadoras de responder as demandas sociais.

O que as pessoas que participam do curso demandavam e demandam é a inserção nesse mundo fascinante e ainda tão excludente que é o mundo digital.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS/AS: DIÁLOGOS E APROPRIAÇÕES.**

Alfabetização e Letramento são processos distintos, porém, inseparáveis. A alfabetização é compreendida como o processo de aquisição das primeiras letras, para ser alfabetizado o indivíduo precisa dominar o sistema alfabético e ortográfico, ou seja, saber ler e escrever (codificar e decodificar); o letramento segundo Kleiman (2016, pag. 19) está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida cotidiana. Há alguns anos ser alfabetizado significava ter domínio do código alfabético, mas hoje o que se espera é que o indivíduo consiga se comunicar por meio da escrita, em diversas situações. O termo letramento emergiu na literatura especializada, para se referir a um conjunto de práticas e usos da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém. (KLEIMAN, 2016).

No contexto digital alfabetização e letramento são vistos da seguinte maneira; por alfabetização digital nos referirmos ao preparo e capacidade de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC de forma plena, ou seja, valendo-se de suas possibilidades múltiplas, em suas diferenciadas plataformas, a partir das ferramentas encontradas para melhorar o desempenho, a ação e a condição de trabalho. Significa, por exemplo, entender como funcionam recursos como planilhas, processadores de texto, apresentações em slides,

comunicadores virtuais, redes sociais, ferramentas de edição de vídeos e músicas e tantas outras funcionalidades que estão presentes no universo digital.

Por letramento Digital compreende-se a capacidade que o indivíduo tem de responder de forma adequada as demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. O letramento digital é mais que o conhecimento técnico. Ele inclui ainda, segundo Carmo (2003), “habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície”. Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente, ou seja, é a capacidade de manusear naturalmente e com agilidade as regras da comunicação em ambiente digital.

Para Soares (2002), não existe “o letramento”, mas, “letramentos”, a tela do computador se constitui, neste sentido, como um novo suporte para a leitura e escrita digital. Segundo ela, a tela é considerada como um novo espaço de escrita e traz mudanças significativas nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento.

O letramento no meio digital implica a realização de práticas de leitura e escrita diferentes da maneira que conhecemos e que vem sendo praticada nas formas tradicionais de letramento e alfabetização. Segundo Xavier (2005) ser letrado digitalmente “pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais [...]”. É necessário desenvolver novas formas de ação aos usos da linguagem verbal e não-verbal, mas é preciso que se diga que não se pretende substituir letramento alfabético pelo letramento digital, pois um tem o outro como ponto de partida, o alfabético serve de base para que o digital aconteça de forma satisfatória para a aprendizagem.

O computador ferramenta usada no curso é empregado como forma de expressar pensamentos, sentimentos, opiniões, os participantes expõem através da escrita no portador digital o que muitas vezes lhe são negados no dia-a-dia, a oportunidade de opinar, de dialogar, de ser ouvido como sujeito comunicante, quantas vezes são tratados como invisíveis por nós na correria cotidiana, o curso e as atividades propostas são pensadas para que essa falha seja corrigida.

O curso foi sistematizado, tendo no diálogo o principal mediador para o conhecimento, inicialmente utilizado para conhecer os participantes da ação, dar vez e voz a essas pessoas, e num segundo momento para conversarmos sobre os assuntos cotidianos. A ação foi assim organizada:

<b>1º momento</b>	<b>Leitura de textos diversos</b>	É levado aos participantes do curso textos diversos (política, cultura, atualidades, novas tecnologias), que são lidos por todos em roda.
<b>2º momento</b>	<b>Roda de diálogo</b>	É aberto o diálogo a respeito do que foi lido, aonde cada participante expõe sua opinião sobre o assunto, partilhando experiências, renovando opiniões acerca do que foi lido.
<b>3º momento</b>	<b>Produção no computador</b>	É pedido que os alunos produzam algo previamente planejado na ferramenta digital com base no texto que foi lido. Exemplo: em discussão sobre os índices de violência contra a mulher, foi proposto que os mesmos utilizassem os dados presentes no texto para a construção de gráficos; em épocas de eleição foi proposto a criação de tabelas com aquilo que consideravam importante que o candidato a prefeito viesse a dar maior atenção se eleito fosse. Ou seja, o que é trabalhado na ferramenta digital está contextualizado com o que foi lido.

#### Sistematização do curso Alfabetização e Letramento Digital

Os textos discutidos são assuntos do cotidiano de todos nós, é comum também ouvirmos o que elas e eles querem aprender, qual a necessidade do momento, e assim a construção dos conteúdos é feita para atender as necessidades dos participantes, ouvindo-os, sobre isso Freire (1987, p. 56) diz:

“Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdo específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou “depósito de informações” porque não emerge do saber popular”



Entendo os participantes do curso como sujeitos do seu processo de conhecimento, não podemos simplesmente levar o conteúdo referente ao campo digital sem considerar se o aluno já compreendeu determinado assunto para passar para outro, por isso o curso não é um curso de informática puro e simples, vai além de ensinar o que é o Word para que serve, quais ferramentas ele oferece, não, o curso se propõe a ser mais que isso, pretendemos com essa ação de extensão inserir o participante de forma consciente e autônoma no mundo digital, para isso contextualizamos a vida cotidiana com as possibilidades que o computador a tecnologia oferece.

Ainda nesse sentido diferente de um curso de informática como conhecemos, o curso que o PEL oferece leva em conta os interesses dos participantes, suas histórias de vida, suas opiniões, trazendo um aprendizado com significados para os envolvidos, fazendo-os participantes ativos do seu próprio conhecimento, partindo daquilo que elas e eles tinham e tem interesse em conhecer, tudo baseado na interação, no diálogo, na troca de experiências, segundo Freire (2002) a relação professor-aluno: “Para ser um ato de conhecimento [...] demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo”.

Esse diálogo nos proporcionou conhecer desejos simples como ligar um computador, passando pelo desejo de comunicação que a ferramenta junto com a internet proporciona, até mudanças profissionais, os relatos abaixo nos mostra isso.

“Eu quero aprender tudo o que puder, pois não sabia nem ligar um computador, agora já sei, com a ajuda dos instrutores quer se esforçam o máximo para nos orientar, futuramente com o esforço quem sabe conseguir algo melhor, um emprego nessa área, pois esse mundo é a modernidade total, facilita muito o nosso dia a dia.”

“Eu gostaria de aprender muito a usar o computador, porque meu sonho é entrar na internet para comunicar-me com o mundo inteiro. Mas a minha mente é tão curta, que não entra quase nada. Eu tento e nada. O que eu posso fazer para eu aprender essa confusão toda? Será que a minha mente é aberta ou fechada? Professoras, por favor, expliquem-me. Porque eu tenho e quero aprender a entrar no mundo da internet, pois eu acho o máximo ver as pessoas nos seus computadores, digitando e se comunicando com pessoas do outro lado do mundo, fazendo amizades, se conhecendo, namorando ou até algo mais importantes que fazem chegar mesmo até ao casamento. “Por isso eu repito as minhas frases anteriores: Eu quero, preciso e devo aprender a entrar no mundo da internet”.

É perceptivo o quão importante é a oportunidade dada a essas pessoas que estão na universidade todo dia, trabalhando, atravessando entre um bairro e outro, encarados por muitos como passantes, como invisíveis, sem voz e ao ser dada a oportunidade de participar de uma atividade aonde eles são os protagonistas, sujeitos do conhecimento, participes das atividades da universidade, percebemos que um novo horizonte foi aberto para essas pessoas,

novas possibilidades, novos sonhos, que para nós pode ser simples, ligar e desligar o computador, mas para quem nunca teve contato com a ferramenta é muito grande e torna-se o início para mobilizar outros desejos nessas pessoas. Negroponte (1995, p. 16) sobre essa transição:

“Fazemos parte de uma sociedade conectada, cuja principal característica é a rapidez na comunicação [...]. Ocorre que, diante da evolução tecnológica, somos ainda da era analógica, ou seja, passamos por um momento de transição, enquanto as crianças e adolescentes já nascem na era digital”

O curso já conta com 5 anos de existência e muitas produções feitas, de um simples ato de ligar o computador ao que hoje essas pessoas conseguem, que é comunicar-se através dessa ferramenta, já tivemos três edições de seminários no curso, indo para a quarta edição, evento esse aonde os participantes, apresentam os temas por eles escolhidos, assuntos que elas e eles consideram interessante ser dividido com o grupo, nós bolsistas e voluntários, ensinamos como produzir um *slide*, apresentando todos os recursos que o Power Point oferece e eles montam suas apresentações, essas apresentações nos levam a uma troca intensa de conhecimentos, eu mesma não sabia o que eram fractais (figuras geométricas, produzidas por meio de equações matemáticas, geralmente criadas no computador, mas também podendo ser encontrados na natureza, os fractais tem por característica a autossimilaridade, contem copias dentro de si, que vão se repetindo em formas menores dentro deles mesmos sucessivamente), descobri em uma das edições do seminário o que era, outra descoberta por nós foi o trato com balões de festa, que para muitos se resume a decisão de enche-los soprando ou com a bombinha, no seminário descobrimos toda uma arte para a montagem de painéis, figuras; o curso dentro das ações de extensão universitária vivenciadas no PEL vem sendo extremamente gratificante, pois vimos o quanto a ação vem mudando a relação de todos nós com a aprendizagem, os participantes tornando-se sujeitos da informação e os futuros professores construindo uma identidade docente. Quando perguntamos a uma das participantes sobre o sentimento relativo a este momento, tivemos a seguinte resposta “*Foi um momento de grande realização, tanto com os colegas, como os monitores, houve interação de ambas as partes*”.

Outro grande momento dentro do curso, que atesta a mudança de relação com a tecnologia, foi a escrita de um livro autobiográfico cada um/a falou de si, sobre seus momentos marcantes no curso relatando suas experiências de vida, seus desejos, o processo de escrita desses livros foi enriquecedor, pois ali conhecemos um pouco mais sobre cada participante, mobilizou neles também o processo da escrita, da escrita sobre si, um registro

dos momentos vistos, vividos, sentidos, sobre esse processo de escrita sobre si mesmo, Foucault (2009) entende com um cuidado de si, cuidado esse que segundo ele são diversos, com a saúde, com o corpo, cuidado com os pensamentos, que seriam postos em prática através da escrita, sobre isso ele aponta que “em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem” (FOUCAULT, 2009, p. 57).

O processo de criação do livro envolveu o uso da escrita no Word, aonde os participantes conheceram as ferramentas básicas para formatar o próprio texto, desenvolvendo assim autonomia no trato com os recursos oferecidos, essa autonomia é posta em prática na vida social delas, temos alunas idosas de cursos de graduação da universidade, o pouco que já aprenderam elas usam para produzir os próprios trabalhos, não mais dependendo de outras pessoas para isso, outro recurso utilizado foi na criação das capas do livro, utilizamos uma ferramenta de Design gratuito chamado Canva que oferece diversos modelos de arte, usados para diversas atividades, cada participante pôde escolher a arte que melhor identificava sua história de vida, usando a criatividade para contar em uma imagem aquilo que foi escrito.

Essa atividade foi rica, pois ao mesmo tempo em que escreviam, elas e eles conversavam sobre seus momentos uns com os outros, houve momentos de alegrias, aonde o riso predominava, momentos de tristeza que nos levou a reflexão através dos momentos vividos e dos aprendizados tirados, foi uma atividade que trouxe muitos sentimentos à tona, fora a felicidade que o ato de escrever um livro, de fazê-los sentirem-se autores trouxe a cada um e uma presente nas aulas para o processo de escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

São muitas atividades produzidas ao longo do tempo no curso e mais do que a produção em si, o que fica é a relação com o conhecimento que foi e vem sendo estabelecida ao longo dos anos, é perceptível a mudança nessas pessoas, o quanto eles evoluíram em suas relações com a tecnologia, bem como relações pessoais.

Mudanças ocorridas não somente entre os participantes atendidos, mas entre os bolsistas e voluntários presentes na ação, pois a mesma proporciona um novo olhar, as necessidades educativas entre o público da EJA, por que não os incluir também nesse mundo tão rico? Qual lugar os adultos e idosos ocupam na oferta de tantos jogos e aplicativos educativos? Por que não recorrer a ferramenta digital como metodologia de ensino para esse



público? Questionamentos que passam a ser feitos e soluções pensadas para que essa distância entre o público adulto, idoso seja diminuída em relação ao uso e autonomia no mundo digital.

Por hora o curso vem respondendo aos anseios dessas pessoas, vem proporcionando a inclusão tão sonhada, é comum ouvirmos relatos do tipo “*É fato consolidado, o curso deu toda possibilidade para nós alunos, entrar no mundo da tecnologia*” ou “*Eu aprendi coisas que eu não sabia, como: entrar no Microsoft Office Word, Slides, Planilha de gastos, Gráfico no Word, formatar, se eu for falar de tudo que eu aprendi não vou terminar hoje*”. Além de inserir essas pessoas no campo tecnológico com autonomia e criticidade, vem também possibilitando aos discentes enxergar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão fortalecendo a formação inicial daqueles que passam pelo PEL, podemos vivenciar uma experiência concreta que segundo Rosa (2010) “colabora com a estética de um *habitus* professoral”.

A tecnologia faz parte da nossa vida, em algum momento iremos nos deparar com esse novo mundo, não saber como se relacionar com esse mundo rico de possibilidades, é ser excluído de usufruir de todos esses benefícios, deixado à margem de uma sociedade altamente conectada, oferecer a chance igualitária a todas e todos de aproveitar dessas facilidades é uma questão também social.

## REFERÊNCIAS

CARMO, Josué G. Botura. **O letramento digital e a inclusão social**. Disponível em: <https://paginas.terra.com.br/educacao/josue>.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens/Veja, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez/Autores Associados/Universidade Federal do Ceará, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Disponível em:

[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf).

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, Marise M. de C. S. **Tecendo uma manhã**: o estágio supervisionado no curso de pedagogia mediado pela extensão universitária. Tese de doutorado. UNESP/Marília. 2010.

SOARES, Magda. (2002), **Novas Práticas de Leitura e Escrita**: Letramento na Cibercultura. Educação e Sociedade: Campinas, vol. 23, n 81, p. 143- 160, dez. 2002.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.